



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

JONAS MARQUES DA PENHA

**UTILIZAÇÃO DAS CATEGORIAS DE ANÁLISES GEOGRÁFICAS NO ESTÁGIO
SUPERVISIONADO: uma proposta de intervenção na Educação de Jovens e Adultos.**

**CAMPINA GRANDE-PB
2013**

JONAS MARQUES DA PENHA

**UTILIZAÇÃO DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE GEOGRÁFICAS NO ESTÁGIO
SUPERVISIONADO: uma proposta de intervenção na Educação de Jovens e Adultos.**

Trabalho de conclusão de curso (TCC),
apresentado ao curso de Licenciatura Plena em
Geografia da Universidade Estadual da
Paraíba - UEPB, como parte dos requisitos às
exigências para obtenção do Grau de
Licenciado em Geografia.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Josandra Araújo Barreto de Melo/UEPB.

CAMPINA GRANDE- PB
2013

P399u Penha, Jonas Marques da.

Utilização das categorias de análises geográficas no estágio supervisionado [manuscrito]: uma proposta de intervenção na educação de jovens e adultos / Jonas Marques da Penha. – 2013.

27 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação - CEDUC, 2013.

“Orientação: Profa. Dra. Josandra Araújo Barreto de Melo, Departamento de Geografia”.

1. Ensino de geografia. 2. Estágio supervisionado. 3. EJA – Educação de Jovens e Adultos. I. Título.

21. ed. CDD 372.891

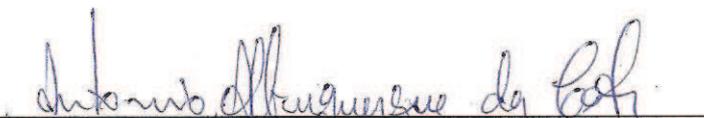
JONAS MARQUES DA PENHA

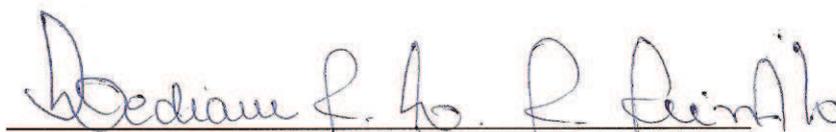
UTILIZAÇÃO DAS CATEGORIAS DE ANÁLISES GEOGRÁFICAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO: uma proposta de intervenção na Educação de Jovens e Adultos.

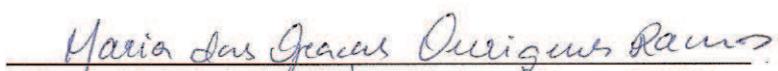
Trabalho de conclusão de curso (TCC), apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como requisito às exigências para obtenção do Grau de Licenciado em Geografia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Josandra Araújo Barreto de Melo/UEPB.

Aprovado em: 27/09/2013.


Prof. Dr. Antônio Albuquerque da Costa /UEPB.
(Co-orientador)


Prof.ª Dr.ª Ledian Rodrigues Lopes Ramos Reinaldo
(Examinadora)


Prof.ª Ms. Maria das Graças Ouriques Ramos/UEPB.
(Examinadora)

UTILIZAÇÃO DAS CATEGORIAS DE ANÁLISES GEOGRÁFICAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO: uma proposta de intervenção na Educação de Jovens e Adulto.

PENHA, Jonas Marques da¹

RESUMO

A Geografia, por causas diversas, tem dificuldades em difundir no âmbito escolar as teorias e discussões produzidas no espaço acadêmico. Diante desse contexto este artigo apresenta os resultados da execução de um projeto de intervenção didático-pedagógica em sala de aula, desenvolvido em 2011, durante o Estágio, do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Campo de estudo a turma do 8º ano do Ensino Fundamental, modalidade EJA, de uma escola da rede estadual de ensino, Campina Grande – Paraíba. Objetivou-se relatar e analisar a experiência do estágio. Para tanto se buscou traçar breve perfil da escola, da turma e da professora regente; Intervir didático-pedagógicamente, em sala de aula, de forma a possibilitar a aproximação das principais categorias de análises geográficas aos conteúdos geográficos; Analisar a dinâmica das aulas e de materiais produzidos pelos alunos durante a intervenção. No tocante aos procedimentos metodológicos, realizou-se inicialmente um breve histórico da Geografia como ciência e disciplina escolar, ressaltando sua importância e o uso das categorias de análise geográficas no processo didático da Geografia escolar. Na perspectiva da Geografia Humanística, primou-se pelo método de análise fenomenológico hermenêutico, transitando por outros métodos e conceitos de diferentes teóricos. Na experiência prática, a relação entre os conceitos das principais categorias de análises geográficas (Espaço, Território, Região, Paisagem e Lugar) com os conteúdos apresentados pelo Livro Didático se deu a partir dos conceitos empíricos dos alunos, fruto das experiências adquiridas no espaço vivido. Principal resultado obtido nas intervenções relata-se o despertar da percepção do indivíduo a partir do ambiente escolar, de sua identidade e pertencimento, no envolvimento deste com a Geografia ensinada e a vivida no contexto das relações com o seu lugar, com seu espaço de vivência.

Palavras-chave: Ensino de Geografia. Estágio Supervisionado. Espaço vivido.

¹ Graduando do curso de Licenciatura Plena em Geografia-UEPB E-mail: <jonas.marques@hotmail.com>.

1. INTRODUÇÃO

Conforme análise realizada por Albuquerque (2011), a Geografia, por causas diversas, tem dificuldades em difundir no âmbito escolar as teorias e discussões produzidas no espaço acadêmico, mesmo sabendo-se da necessidade de relacionar essas discussões aos conhecimentos empíricos que emergem na sala de aula, advindos do cotidiano dos alunos, o que possibilitaria novos olhares sobre a dinâmica dessa importante ciência.

Por outro lado, os alunos das licenciaturas se sentem desafiados a superar a visão do estágio apenas como um componente curricular obrigatório, já que o mesmo faz-se imprescindível na formação pedagógica, na aproximação com o cotidiano escolar, possibilitando articular teoria e prática no processo de formação do profissional da Geografia, a partir dos projetos de intervenção desenvolvidos no exercício das regências e pesquisas no espaço escolar. Dessa forma, os licenciandos procuram contribuir com novas abordagens e/ou metodologias.

Para tanto, se busca analisar como estão sendo abordados, em sala de aula, os conteúdos propostos para a disciplina, Geografia, e elencar sugestões de intervenção didático-pedagógica que possam aproximar as teorias e discussões elencadas no meio acadêmico ao cotidiano escolar. Vislumbrando o estágio na perspectiva da pesquisa e intervenção, vêem-se possibilidades de ser aproveitado como laboratório para o desenvolvimento de projetos, que contribua para formação dos alunos; afirmação da Geografia, na escola; e formação inicial dos licenciandos.

Esse artigo apresenta o resultado de um projeto de intervenção didático-pedagógico desenvolvido em, 2011, durante o estágio supervisionado. Teve como objeto de estudo, a turma do 8º ano do Ensino Fundamental, na modalidade EJA, de uma escola da rede estadual de ensino, localizada no bairro Catolé, zona sul da cidade de Campina Grande – Paraíba.

Objetivou-se relatar e analisar a experiência de estágio, a partir da execução do projeto de intervenção em sala de aula, com o escopo de dar aplicabilidade às categorias de análises geográficas (Espaço, Território, Região, Paisagem e Lugar). Tais categorias constituem as grandes pilstras da Geografia enquanto ciência, o que vem sendo negligenciado na escola, conforme foi possível verificar mediante a observação inicial.

Propõe-se analisar a importância do estudo das categorias geográficas, no Ensino Fundamental - EJA, para formação do indivíduo e afirmação da Geografia, na escola; Traçar breve perfil da escola, da turma e da professora regente; Intervir didático-pedagógicamente,

em sala de aula, de forma a possibilitar aproximação e conceituação das principais categorias de análise geográficas aos conteúdos geográficos.

Com o intuito de atingir os objetivos propostos, inicialmente, foi realizada a seleção e revisão do material bibliográfico, que contemplou os conceitos e temas pertinentes à pesquisa, bem como informações a respeito do sistema de ensino de Geografia, especialmente, do Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos – EJA.

Anterior à regência, observou-se o espaço escolar para conhecer melhor a instituição, a metodologia da professora regente e o perfil da turma. Adentrando ao espaço escolar e presenciando aulas ministradas pela professora regente, pretendeu-se identificar um problema para, a partir do mesmo, elaborar uma estratégia de intervenção e/ou colaboração, de forma a assegurar o envolvimento e uma melhor formação para os estagiários, a partir dessa experiência. Nessa oportunidade, surgiram algumas inquietações quanto ao ensino de Geografia na escola, dentre outras se verificou a necessidade de aproximar as discussões teóricas desenvolvidas na academia ao espaço escolar.

A etapa final representada na regência tratou de pôr em prática o planejado, a utilização das categorias de análises geográficas no ensino. Na perspectiva da Geografia Humanística, primou-se pelo método de análise fenomenológico hermenêutico, provocando os alunos acerca do seu espaço vivido - lugar, contextualizando suas percepções com os conteúdos em pauta e os conceitos geográficos, transitando por outros métodos e conceitos de diferentes teóricos. Dessa forma analisou-se a dinâmica das aulas e de materiais produzidos durante a intervenção como: a prova, os exercícios e interpretações de textos e músicas.

A relação entre os conceitos científicos, sistematizados, e os empíricos, fruto da experiência com o espaço vivido, do alunado, associados aos conteúdos programados, facilitaram a construção e compreensão dos conceitos geográficos resultando na construção de um novo e melhor elaborado conhecimento - científico. Partindo da percepção para a informação, elevando o nível intelectual da turma.

2. CAMINHOS DA GEOGRAFIA: um breve histórico da ciência

O processo de institucionalização da Geografia no Brasil se iniciou em 1934, com a vinda dos geógrafos Franceses Pierre Deffontaines e Pierre Mombeig, discípulos de Paul Vidal de La Blache, com o propósito da criação do curso de Geografia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras/Universidade de São Paulo - FFCL/USP e, posteriormente, na Faculdade Nacional do Rio de Janeiro - FNRJ. Em seguida, veio a fundação da Associação

dos Geógrafos Brasileiros - AGB, em 1935; a criação do Conselho Nacional de Geografia - CNG, em 1937 e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, em 1939. Uma Geografia a serviço do poder hegemônico, do Estado.

Anterior a Universidade de São Paulo – FFCL/USP, fundada em 1934, a Geografia já era ensinada, no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, por profissionais advindos de outras áreas do conhecimento. “Eram professores de Geografia, principalmente, advogados, engenheiros, médicos e seminaristas” (PONTUSCHKA *et al* 2009, p. 45), e tinham como objetivo a descrição dos recursos naturais do Brasil, propagando a nacionalidade e o nacionalismo. “...em 1837, no Colégio Pedro II que a Geografia, pela primeira vez, torna-se uma disciplina estudada na escola” (CASSAB, 2009, p.46). Dessa forma, a Geografia foi ensinada antes mesmo de ser considerada uma ciência sistematizada, mas convém ressaltar que a fundação da FFCL/USP teve papel fundamental no desenvolvimento da ciência Geográfica no país e na formação de professores para o ensino da disciplina. “Em 1936, são formados os primeiros professores licenciados para atuar no ensino secundário” (CASSAB, 2009, p.47).

Antes de haver geógrafos, já havia professores que lecionavam Geografia. Hoje, o professor de Geografia nem mesmo é considerado Geógrafo, a partir da dicotomia bacharel/licenciado. E a própria Licenciatura no contexto da Universidade, na maioria dos casos, prepara mais os alunos para a pesquisa, em subáreas da Geografia, que para o próprio ensino. Enfim, tem-se uma prática teórica do ensino, mas, muito pouco um ensino prático da prática. Portanto, nesse contexto surge a problemática do ensino da Geografia, a dificuldade do exercício da transposição didática como prática pedagógica, do científico para o escolar.

Na década de 1970, a disciplina de Geografia na escola foi substituída pelo componente de Estudos Sociais, “... o governo militar passou a considerar que a Geografia nada acrescentava aos seus objetivos educacionais” (CASSAB, 2009, p.48). Era um sinal de mudança no olhar geográfico incomodando o “Regime”. No final dessa mesma década, vieram à tona nas Universidades e nas Escolas os debates ancorados na “Geografia Crítica”, marxista, criticando a “Geografia Clássica” e “Teorética-quantitativa”, respectivamente representada por enciclopedismo e instrumento ideológico.

A partir da década de 1980, a “Geografia Escolar” ganhou no seu currículo novos conteúdos, temas focados nas relações entre sociedade, trabalho e natureza. A dificuldade encontrada na implantação dessa Geografia Crítica na Escola estaria na formação dos professores que, enraizados no modelo clássico enciclopédico, acabavam por reproduzir essa prática em sala de aula, o que até hoje não mudou muito.

Na década de 1990, se iniciaram fortemente nas Universidades e nas Escolas as discussões acerca da “Geografia Humanística” e o ensino de Geografia ganhou uma nova roupagem. Essa ciência se apropriou do método fenomenológico hermenêutico e passou a valorizar o ensino a partir do espaço vivido do aluno, do lugar. Teoricamente, a relação professor-aluno seria harmônica e fundamental para a construção do conhecimento, tornando a Geografia mais interessante, já que partiria do conhecimento prévio dos alunos e com conteúdos mais próximos da realidade destes. Nesse contexto, emergiram os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN, um passo importante na forma de como construir o conhecimento, especialmente a partir da disciplina “Geografia”.

Para o Ensino Fundamental, o PCN de Geografia sugere:

...um trabalho pedagógico que vise à ampliação das capacidades dos alunos do ensino fundamental de observar, conhecer, explicar, comparar e representar as características do lugar em que vivem e de diferentes paisagens e espaços geográficos (BRASIL, 2001, p. 15).

Estes aspectos podem ser relacionados a este momento de uma Geografia mais “a serviço do ser humano”, preocupada não apenas com o material, mas com a percepção humanista com a ênfase na experiência vivida nos espaços e lugares, buscando a compreensão do todo a partir do que está próximo, ao alcance dos olhos, das paisagens; das mãos; do espírito. Sendo assim, questiona-se como vem se materializando as propostas dos PCN e as teorias elencadas, analisadas e discutidas no âmbito acadêmico da Geografia.

3. O USO DAS CATEGORIAS DE ANÁLISES GEOGRÁFICAS NO ENSINO FUNDAMENTAL

A Geografia tem uma tendência para fragmentação de seu objeto de estudo que pode ser considerado histórico. Desde sua gênese, seus precursores não corroboravam com o mesmo pensamento e se estenderam em paralelo, a vertente da Geografia Física e da Geografia Humana. Essa dicotomia gerou muitas correntes, escolas e teorias, ampliando os olhares e enriquecendo-a como ciência. O interessante é que as pesquisas e discussões vêm, ao longo do tempo, provocando fragmentações e criando novas especializações, sugerindo a ciência geográfica focar no seu objeto principal de estudo - as relações sociedade-natureza.

A ciência geográfica precisa se fortalecer no âmbito escolar, buscar afirmar sua identidade científica, deve atentar para alguns acontecimentos como as especializações que vem tomando forma de ciência, se desmembrando da Geografia e se tornando autônomas, a

exemplo da Geologia, Climatologia, Biogeografia e outras e; quanto ao tratamento dado à Geografia Escolar, seja pelos gestores e/ou professores e comunidade, verifica-se que “os professores, em sala de aula, nem sempre acompanham as discussões epistemológicas sobre as noções e conceitos geográficos” (PAGANELLI, 2004, p. 151); e as insistentes atuações de inúmeros profissionais de outras áreas do ensino, como professores de Geografia.

O contexto atual do ensino de Geografia na escola não é dos mais animadores, no entanto, tem-se consciência que o mesmo pode e deve ser voltado para contribuir na formação de pessoas capazes de desenvolver o pensamento autônomo.

Professores que atuam com a Geografia Escolar precisam assumir posturas de profissionais mediadores na construção do conhecimento geográfico, utilizando-se das ferramentas de sua ciência, (teorias, métodos, recursos didáticos, conteúdos, conceitos geográficos e outras), no intuito de contribuir com a formação de indivíduos para a vida. “A finalidade de ensinar Geografia para crianças e jovens deve ser justamente a de ajudá-los a formar raciocínios e concepções mais articulados e aprofundados a respeito do espaço.” (CAVALCANTI, 1998, p.24).

No caso da Educação de Jovens e Adultos, o público alvo trata-se de pessoas com certa vivência, detentoras de muitos conceitos já formados, o que torna delicada a intervenção, necessitando de conhecimentos prévios do contexto socioespacial, no qual tais alunos estão inseridos, bem como de didática apropriada para intermediar e interagir diante das diversidades étnicas e culturais convergentes na sala de aula. Segundo Lana de Souza Cavalcanti,

Entre o homem e o lugar existe uma dialética, um constante movimento: se o espaço contribui para formação do ser humano, este, por sua vez, com sua interação, com seus gestos, com seu trabalho, com suas atividades, transforma constantemente o espaço (CAVALCANTI, 1998, p.24).

Entender o espaço geográfico é entender as ações humanas sobre este espaço, a dinâmica da vida, da existência e conseguir enxergar-se como parte integrante e agente modificador do mesmo. Em contrapartida, essa atitude ajuda a concretizar a Geografia, na escola, enquanto ciência. Pensando o espaço como o lugar dos acontecimentos resultantes das interações do ser humano com a natureza, natural ou modificada, pode ser visualizado possibilidades de interagir ou discutir os conteúdos na perspectiva da categoria, espaço e das demais subdivisões, especialmente a categoria lugar.

Buscando-se resgatar o valor do ensino de Geografia, necessita-se discutir as relações que as sociedades estabelecem em seus espaços. Os modos de ocupação, apropriação destes,

as interações, até porque a dimensão social se constitui o cerne das dinâmicas dos territórios, das paisagens, das regiões, etc. Para melhor compreensão desse espaço uno e múltiplo, faz-se necessário a fragmentação do espaço, em subespaços. Nessa perspectiva, inserem-se as categorias de análise geográficas: território, região, paisagem, lugar, componentes do espaço geográfico. “O mundo encontra-se organizado em subespaços articulados dentro de uma lógica global” (SANTOS, 1988, p17).

As categorias de análise geográficas constituem os pilares de sustentação da Geografia enquanto ciência, elas representam os diversos olhares sobre o espaço. No entanto, nem sempre os profissionais do ensino de Geografia têm a formação necessária para trabalhar nessa perspectiva, conforme destaca Kaerchier (2007, p.28) “Tudo cabe como sendo Geografia. Nós, de fato, falamos de tudo nas aulas, mas paradoxalmente, com pouca relação às categorias consideradas basilares à Geografia (espaço, território, região, paisagem, lugar, etc).”

As discussões conceituais acerca das categorias de análise geográficas agregadas aos conteúdos e percepções do cotidiano dos alunos repercutem positivamente, tanto na formação dos indivíduos, tornando-os conhecedores de si e da dinâmica espacial; quanto para o fortalecimento científico da Geografia, na escola.

É importante ressaltar que, quanto mais cedo apresentar as categorias geográficas aos indivíduos, mais suas relações com estas serão ativas e conscientes. Segundo Tuan (1983, p.83), “a criança é o pai do homem, e as categorias perceptivas do adulto são de vez em quando impregnadas de emoções que procedem das primeiras experiências”. É perfeitamente possível trabalhar a partir dessa perspectiva, das percepções do espaço vivido, junto a um público de jovens e adultos, usando suas experiências como ponto de partida para construção do conhecimento. Para Helena Copetti Callai,

O professor deverá propor o estudo que seja conseqüente para os alunos. E as experiências concretas deverão ter interligamento e coerência dentro do que é ensinado, pois o vivido pelo aluno é expresso no espaço cotidiano, e a interligação deste com as demais instâncias é fundamental para aprendizagem (CALLAI, 2001, p. 136).

Corroborando com Callai (2001), Pontuschka (2009) afirma que, quanto à prática do ensino de Geografia, as observações informais e também sistemáticas de fotos ou fenômenos do cotidiano, a partir da capacidade de registrá-los e a concepção que o sujeito tem sobre algo em dado momento, são procedimentos que alargam e aprofundam a reflexão à medida que, confrontada com um conhecimento mais elaborado, resulta na produção de um novo conhecimento. Exemplificando com as palavras de Pontuschka:

(...) fazer leituras de imagens, habituar-se a ler várias modalidades de textos e integrá-los aos conhecimentos possuídos; ser capaz de utilizá-los em situações externas à escola, portanto, em situações de vida; observar um fato isolado e poder contextualizá-lo no tempo e no espaço (PONTUSCHKA, 2009, p.108.).

Tais experiências nas relações com o espaço, muitas vezes, ocorrem de forma empírica no cotidiano dos alunos, podendo ser valorizadas na sala de aula através da utilização pelo professor das discussões acerca desses conhecimentos, construindo um elo entre as percepções cotidianas e o conhecimento científico sistematizado do currículo escolar, contribuindo para a formação desses indivíduos, fazendo a ciência desempenhar o seu papel social. “Os professores precisam perceber que seu papel no processo de democratização de nossa sociedade consiste em principalmente, desenvolver uma prática pedagógica não alienante, mas conscientizadora.” (ALMEIDA, 1990/1992, p.89).

O professor de Geografia deve se empenhar no ensino de uma Geografia crítica, questionadora e esclarecedora, capaz de libertar o indivíduo para a vida e galgar no sentido da democratização da sociedade.

3.1 As categorias de análises geográficas na Educação de Jovens e Adultos: a proposta de intervenção

A constituição de 1988 amplia o dever do Estado de garantir educação a todos os cidadãos brasileiros, independente da faixa etária, emergindo, com isso, iniciativas voltadas para a redução do índice de analfabetismo no País. Considerando que, mesmo lento, tem aumentado a expectativa de vida no Brasil, o Governo tem investido na Educação de Jovens e Adultos – E.J.A, seja para cumprir exigências internacionais e/ou melhorar a qualidade de vida da população. Segundo Soares (2001),

Em lugar de reduzir o processo educativo à mera preparação para o mundo do trabalho, podemos avançar em direção a uma concepção mais ampla, que considere as demais dimensões da educação: a emergência e o fortalecimento do sujeito situa-se como o objetivo prioritário da prática educativa (SOARES, 2001, p. 205).

Nesse contexto, o ensino de Geografia pode contribuir, tanto com o processo de alienação dos indivíduos, mediante práticas desconectadas com a realidade dos alunos, como desempenhar um papel revolucionário, a partir do repensar contínuo do espaço vivido, o que vem a calhar com o despertar do aluno para a criticidade acerca dos objetos e ações do espaço geográfico. “O conhecimento geográfico é, pois, indispensável à formação de indivíduos

participantes da vida social, à medida que propicia o entendimento do espaço geográfico e do papel desse espaço nas práticas sociais.” (CAVALCANTI, 1998, p. 11).

Como já se discutiu anteriormente, o estudo conceitual das categorias geográficas, contextualizado com as percepções cotidianas e conteúdos planejados, pode propiciar a construção e a elaboração de novos conhecimentos. Estes precisam ter significância e aplicabilidade na dinâmica diária do ser.

As preocupações acerca do ensino de Geografia, nessa intervenção, estão centradas na aplicabilidade das categorias geográficas nos conteúdos propostos para o ensino fundamental, modalidade Educação de Jovens e Adultos - E.J.A. A Geografia Escolar precisa discutir junto aos alunos o “espaço” que, segundo Santos (2008, p.261), “...é uma obra da sociedade em sua marcha histórica ininterrupta”. A compreensão do espaço vai muito além da sua conceituação. Esta é uma categoria geográfica muito abrangente, analisando-se na perspectiva de que não há lugar no Planeta que não seja conhecido e que direta ou indiretamente não esteja sob influência do ser humano. Dessa ótica, o espaço pode ser único, se tratado de forma global e fragmentado, se observado em escalas menores, que são as categorias de análise da Geografia.

3.2. Proposta de intervenção em sala de aula no campo de estágio

A proposta de intervenção foi idealizada pela professora do Estágio Supervisionado I, Dr^a. Josandra Araújo Barreto de Melo/UEPB, ficando a cargo do aluno estagiário, a incumbência de desenvolver o tema, de acordo com a realidade da turma, na escola, inicialmente observada.

A docência em Geografia requer um exercício diário de observação e leitura do presente imediato, da dinâmica, fruto das múltiplas relações entre pessoas de diferentes contextos, mas que convergem no espaço escolar, na sala de aula, entorno de objetivos semelhantes - a busca pelo conhecimento. “A ideia é ressaltar a importância da pesquisa na construção de uma atitude cotidiana de compreensão dos processos de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos e de busca de autonomia da interpretação da realidade” (PONTUSCHKA *et al*, 2009, p. 95). Isso é o que deve ser aplicado desde o estágio, tornando-se uma práxis na formação contínua do profissional, professor de Geografia.

A carga horária de atuação do estagiário, na escola, é insuficiente para se fazer uma leitura condizente com a realidade desse espaço. Existem diversas etapas e relações que acabam por não serem vivenciadas durante o estágio, devido ao curto período de contato direto. “Num Curso de Licenciatura seria desejável uma maior valorização da disciplina

Prática de Ensino, não se limitando a alguns meses de estágio em sala de aula” (SAIKI; GODOI, 2010, p. 29). Muitas vezes, não há tempo suficiente sequer para traçar o perfil da turma objeto da intervenção e nem tempo para fechar o ciclo sistêmico de ensino, que se inicia com o planejamento, introdução e discussão dos conteúdos, culminando com a avaliação, reforço e recuperação para, assim, conduzir, mediante o crescimento intelectual do aluno, a série seguinte.

Sabendo que o tempo de estágio não é o ideal, e isso acontece por motivos diversos, deve-se explorar o máximo da estadia no espaço escolar, se envolver, se entregar e estar aberto para melhor absorver as avalanches de informações e choques culturais existentes. “Conhecer a organização do espaço escolar e as relações entre os sujeitos é uma necessidade, na medida em que a aula não é um acontecimento isolado de uma sala, mas está inserida no espaço social de uma instituição de ensino” (SATO; FORNEL, 2010, p. 53). A sala de aula é um ponto de convergência de diversidade cultural, miscigenação, diferentes contextos socioeconômicos, etc. Portanto, trata-se de um laboratório de análise contínuo, onde os resultados, mesmo repetindo minuciosamente os mesmos métodos e didática, sempre serão diferentes.

Mediante o contexto apresentado, se propôs intervir, durante a regência de estágio, com o objetivo de desenvolver atividades que possam aproximar as teorias e discussões elencadas no meio acadêmico acerca do ensino de Geografia, ao cotidiano escolar.

4. A EXPERIÊNCIA NO ESPAÇO ESCOLAR: INTERVENÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA EM SALA DE AULA

4.1. Observações no espaço escolar

Instituição de Ensino:

A instituição de ensino, espaço de pesquisa e da atividade desenvolvida, trata-se de uma escola da rede pública estadual, de Ensino Fundamental, Médio e Educação para Jovens e Adultos, localizada no bairro Catolé, zona sul da cidade de Campina Grande-PB. Em 2011, foram matriculados 1.481 alunos (as), contando com um quadro de 71 (setenta e um) professores. Segundo a gestora, a maioria é advinda de contratos temporários, junto à Secretaria de Educação do Estado, sendo 09 (nove) da disciplina Geografia. Observou-se também um professor de História que leciona a disciplina Geografia.

Professora Regente:

Professora inserida na instituição a partir de contrato temporário, junto à Secretaria de Educação do Estado da Paraíba. Licenciada em Geografia Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, onde afirma ter mais de dez anos de experiência como professora. Muitas vezes, assume também a disciplina de História para completar a carga horária mínima do contrato. Mostra-se insatisfeita com a profissão, devido aos baixos salários e a grande responsabilidade que, segundo ela, interfere negativamente na vida pessoal e nos momentos de lazer. A mesma também desempenha outra atividade paralela ao magistério.

Em suas aulas utiliza apenas a lousa e o livro didático como recursos didáticos. Os conteúdos abordados não abordam diretamente as categorias geográficas, nem tampouco leva em consideração a vivência dos alunos. A metodologia é baseada em leitura dos textos do livro didático para os alunos, solicitando-se que os mesmos respondam as questões pré-elaboradas pelo autor do livro, no caderno. Em seguida, quando há tempo, ou na aula seguinte, recolhem-se os cadernos para vistos e atribuições de pontos, numa estruturação metodológica descritiva, de memorização e sem significado para a vida dos alunos, em conformidade com a afirmação de Brabant,

Discurso descritivo, até determinista, a geografia na escola elimina, na sua forma constitutiva, toda a preocupação de explicação. A primeira preocupação é descrever em lugar de explicar, inventariar e classificar em lugar de analisar e de interpretar. Esta característica é reforçada pelo enciclopedismo e avança no sentido de uma despolitização total (BRABANT, 1989. p.18-19).

Muitos alunos agem com indiferença quanto aos métodos utilizados, outros cobram esclarecimentos de alguns termos ou assuntos não compreendidos, quando não conseguem responder ou não entendem a questão. Ouviu-se a professora responder a um aluno “a resposta está na página “tal”. Num outro momento, quando questionada por não ter explicado o conteúdo, ela se dirigiu ao aluno com a frase, “vocês não entendem nada mesmo, não querem nada com a vida, tenho uma filha de 11 anos e ela faz atividades mais complicadas do que esta”.

Quanto ao conteúdo abordado através do tema “Cultura e diversidade cultural”, um aluno questionou “não sei prá que isso novamente, estamos estudando a mesma coisa em História!”. Sequer conseguem diferenciar as disciplinas, possivelmente os conteúdos estejam sendo trabalhados sem a devida dimensão espacial. E, por isso, a confusão entre História e Geografia.

Turma objeto de estágio:

A turma na qual se efetuou a presente intervenção é o 8º ano “B”, do Ensino Fundamental, modalidade EJA – Educação para Jovens e Adultos. Trata-se de alunos na faixa etária de 15 a 36 anos, com elevado histórico de reprovações. Dez dos 12 alunos que freqüentam com assiduidade são repetentes; apenas duas alunas não desempenham atividades econômicas; os demais são assalariados inseridos nos setores do comércio, indústria e construção civil, ambos moradores de bairros circunvizinhos à escola.

4.2. Intervenções: elo entre categorias geográficas, conteúdos e experiências dos alunos

Conscientes de que se trata de um estágio, portanto a ação de intervenção seria interrompida no final do mesmo, após dois meses, foi proposto e desenvolvido um projeto pautado na realidade da turma, todavia, houve a preocupação de não comprometer a seqüência de conteúdos planejados pela professora regente.

A regência ocorreu levando-se em conta as propostas elencadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia, mais especificamente do 1º e 2º eixos temáticos do Quarto Ciclo², na perspectiva de abordar nestes as discussões conceituais das categorias geográficas em conjunto com a gama de conhecimentos trazidos pelos alunos, a partir do contato com o espaço e a troca de experiências vivenciadas. Corroborando com a teoria de Vygotsky, onde a aprendizagem se dá a partir da mediação do outro, desenvolveu-se um trabalho de aproximação entre as categorias, conteúdos e cotidiano dos alunos, tendo o estagiário exercido uma postura mediadora, provocando, questionando, sugerindo, acompanhando e, assim colaborando para a construção coletiva do conhecimento.

Nessa perspectiva, o trabalho iniciou-se com a abordagem da categoria lugar, numa perspectiva humanista. Neste caso, o lugar representado pelo espaço vivido, que é a categoria mais próxima do indivíduo, de onde emergem o mundo dos significados, dos conhecimentos cognitivos. Segundo Bock et al. (2002), os conhecimentos cognitivos têm origem a partir das primeiras relações de significado entre o ser e o mundo, que são os pontos de partida para a atribuição de outros significados.

No primeiro contato com a turma, na etapa de regência, buscou-se criar um clima de descontração, visto que se percebeu um pouco de tensão entre os alunos. Todos falavam ao mesmo tempo, ambos querendo que fossem observados os cadernos para correção e atribuição

² Divisão proposta pelos Parâmetros Curriculares Nacionais- PCNs para o Ensino Fundamental, este é dividido em quatro ciclos sendo 1º ciclo envolvendo a 1ª e 2ª série; o 2º ciclo (3ª e 4ª série); o 3º ciclo (5ª e 6ª série) e o 4º ciclo (7ª e 8ª série).

dos pontos prometidos pela professora regente. Fazendo o solicitado, caso contrário seria difícil continuar a aula, disponibilizou-se dez minutos para tanto. A correção ocorreu coletivamente, ouvindo-se cada uma das respostas e discutindo-as pontualmente.

Retomando a tranquilidade, deu-se início as atividades planejadas para a aula, ou seja, ao estudo conceitual das principais categorias de análise geográficas: espaço, território, região, paisagem e lugar. Corroborando com a teoria de ensino de Brunner³ quanto à “estrutura da matéria”, optou-se em trabalhar primeiro a conceituação das categorias geográficas, base para as futuras aulas, o que os teóricos cognitivistas chamam de “os pontos de ancoragem”⁴.

As discussões foram iniciadas pela categoria “espaço”, por ser a mais complexa e abranger as demais. Em seguida, adentrou-se com mais afinco nas outras categorias que, como mencionado que se trata de subespaços que buscam a compreensão contínua do todo.

Espaço:

Foi questionado junto aos alunos o que eles entendiam por espaço. As diversas respostas foram elencadas em colunas na lousa. Obtiveram-se respostas do tipo: “é tudo!”, “a sala é um espaço”; “um lugar vazio”; “qualquer canto”; e outras.

Diante dos significados citados pelos alunos, ampliou-se o termo para “espaço geográfico”, conceituando-o segundo Santos (1988, p. 10): “O espaço não é nem uma coisa, nem um sistema de coisas, senão uma realidade relacional: coisas e relações juntas”. O ser humano é o agente produtor do espaço e, é na escola, a partir do contato com o conhecimento sistematizado, que o indivíduo toma consciência do quanto é produtor e produto desse espaço, que está inserido na dinâmica da construção e reconstrução do mesmo.

Introduzindo uma análise fenomenológica, discutiu-se também o espaço segundo Tuan (1983, p. 39), onde “o homem, como resultado de sua experiência íntima com seu corpo e com outras pessoas, organiza o espaço a fim de confortá-lo as suas necessidades biológicas e relações sociais”. Usando-se a sala de aula como exemplo de espaço geográfico, procurou-se provocar a turma quanto à análise subjetiva do mesmo, de seus objetos e as ações imbuídas.

³ Brunner, teórico cognitivista de ensino. “O ensino para, Brunner, envolve a organização da matéria de maneira eficiente e significativa para o aprendiz. Assim, o professor deve preocupar-se não só com a extensão da matéria, mas, principalmente, com sua estrutura. (...) sempre dos conceitos mais gerais para os particulares, aumentando gradativamente a complexidade das informações.” (BOCK, *et al*, 2002, p. 119).

⁴ “Os pontos de ancoragem são formados com a incorporação, à estrutura cognitiva, de elementos (informações ou idéias) relevantes para a aquisição de novos conhecimentos e com a organização destes, de forma a, progressivamente, generalizarem-se, formando conceitos.” (BOCK, *A et al*, 2002, p. 118).

As principais discussões desse encontro giraram em torno das funções e intenções existentes, de agentes internos e externos a esse espaço, de forma a concluirmos que a relação do ser humano com o espaço resulta no espaço geográfico. Nessa linha de pensamento trabalhou-se de forma ampla conteúdos acerca da diversidade cultural da Paraíba, do Brasil, e do mundo; dos movimentos migratórios. Essa maximização gradativa na escala de compreensão do espaço, Sala de aula/Campina Grande/Paraíba/Brasil/Planeta, proporcionou ao aluno se enxergar no contexto espacial local e global. Elencaram uma série de hábitos e costumes quase que “comuns” globalmente como o consumo de vestuários, *jeans*; alimentos, *pizza*; modalidades esportivas, futebol; etc.; e outros mais restritos a determinadas regiões como foi citado música, forró; comidas típicas, pamonha, milho assando; e formas de comunicação lingüística, exemplos de Paraíba e Região Nordeste.

Território:

A identificação e reconhecimento das categorias geográficas inseridas no espaço vivido facilitam o entendimento e proporciona condições de ampliar tais conceitos. Nessa perspectiva, para conceituar a categoria território partiu-se das relações sócioespaciais vividas e percebidas pelos alunos.

Em meio às discussões, um aluno fez uma referência ao “território do tráfico de drogas”. As colocações dos demais se restringiram ao exemplo do território nacional, quando apresentaram o território como sendo sinônimo de “Brasil”, “País”. Quando provocados a respeito de determinadas influências, relações de poder, exercidas por um indivíduo ou um grupo sobre determinado espaço, eles elencaram casa, residência, quartos e, até mesmo, a carteira da sala de aula como espaços sujeitos a essa relação de poder ou influência.

Paulatinamente, foi-se ampliando os olhares para as escalas mais abrangentes, fundamentando-se no conceito de território apresentado por Andrade (2004), quando afirma que “o conceito de território não deve ser confundido com o de espaço ou de lugar, estando muito ligado à idéia de domínio ou de gestão de determinada área” (ANDRADE, 2004, p. 19). Dessa forma, retomou-se a ideia de território nacional, espaço submetido a uma gestão e do poder que traficantes exercem sobre determinados espaços, a partir da comercialização ilegal de drogas.

Ainda na discussão sobre território, inseriu-se o tema movimentos migratórios. Utilizaram-se exemplos de alunos que migraram de outras cidades para Campina Grande, elencando as causas e motivos das migrações, contextualizando com o histórico das

migrações no mundo, Brasil e Paraíba, abordando as questões de territorialidades, identidade territorial, premissas para definir o espaço enquanto território.

Analisou-se juntamente com os alunos que à medida que as pessoas chegam a um lugar estranho, não se sentem parte desse espaço, passando a sentirem-se integrantes a partir de novas relações criadas, quando inseridas na dinâmica do mesmo. “A formação de um território dá às pessoas que nele habitam a consciência de sua participação, provocando o sentido da territorialidade que, de forma subjetiva, cria uma consciência de confraternização sobre elas” (ANDRADE, 2004, p. 20).

As dificuldades de adaptação ao novo espaço induzem à criação de colônias, réplicas da terra natal, a exemplo das colônias japonesas, portuguesas, alemãs e outras espalhadas pelo Brasil, assim como, bairros habitados por nordestinos, comuns na região Sudeste, como sinal de resistência.

Trabalhou-se também na perspectiva do lugar e das identidades territoriais como forma de resistência a desterritorialização causada pela migração, exemplificando com o apego do nordestino pelo sertão, identidade territorial, representado na música “O último Pau de Arara”, interpretada por Raimundo Fagner, letra de Venâncio/Corumbá/J.Guimarães. Música trabalhada, na sala de aula, em áudio e texto.

Região:

O conceito de região foi trabalhado com o auxílio de mapas políticos do Brasil, Paraíba e de Campina Grande. Analisaram-se suas peculiaridades, localizando suas especializações, seja nos âmbitos natural, cultural ou econômico, na perspectiva de diferenciação de áreas. Segundo Corrêa (1987, p. 45), “a região pode ser vista como um resultado da lei do desenvolvimento desigual e combinado, caracterizada pela sua inserção na divisão nacional e internacional do trabalho e pela associação de relações de produção distintas”.

Explorou-se o exemplo de um aluno que morou na cidade de Sapé – PB. “a minha cidade é conhecida como região do abacaxi”. Nesta, é comum a produção do abacaxizeiro, portanto Sapé diferencia-se de outras cidades a partir desta cultivar, conhecida por estar inserida na região produtora de abacaxi (*Ananas comosus* L. Merrill). Assim como esse exemplo, outros surgiram na sala de aula que enriqueceram as discussões, a exemplo das especificidades de algumas áreas e bairros das cidades, em consonância com a perspectiva de Santos (1988), quando afirma que:

Num estudo regional se deve tentar detalhar sua composição enquanto organização social, política, econômica e cultural, abordando-lhe os fatos concretos, para reconhecer como a área se insere na ordem econômica internacional, levando em conta o preexistente e o novo, para captar o elenco de causas e conseqüências do fenômeno. (SANTOS, 1988, p. 17).

Contextualizando o conceito de região às citações voluntárias dos alunos, foi possível introduzir o tema “Cultura e diversidade cultural no Brasil”. Discutiu-se a diversidade cultural na visão de regionalização dos espaços, a partir das expressões culturais e identidades territoriais de seus habitantes. Tomado como exemplo as peculiaridades culturais hábitos e costumes, diferenciadas nas distintas regiões brasileiras.

Paisagem:

A paisagem foi descrita pelos alunos como “imagens de lugares bonitos”; “um lugar bonito”; “uma foto”; “um quadro pintado”. Partindo desses exemplos, buscou-se trabalhar na perspectiva da desconstrução da ideia de paisagem como algo estático, sem movimento. “Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc.” (SANTOS, 1988, p. 21). Desse ponto de vista, a paisagem representa a sucessão de acontecimentos pretéritos, que resulta na realidade atual. Podendo ser de caráter humano, a construção de uma cidade, desmatamentos e outros, ou naturais, terremotos, furacões, intemperismos, etc.

A sala de aula foi utilizada como exemplo para contribuir para a conceituação da paisagem. Solicitaram-se três alunos para vir até a frente da turma e do mesmo ponto descrever a paisagem visualizada. Cada um fez uma leitura diferente, um observou a desorganização das carteiras; o segundo questionou o pequeno número de alunos em relação ao tamanho da sala; o terceiro, mesmo não levando muito a sério, observou em sua leitura que meninas sentam à frente e os “bagunceiros” atrás.

Discutiu-se acerca do apresentado, chegando-se à conclusão que a leitura de uma paisagem depende do olhar do observador, do quanto àquela imagem representa para ele, do quanto se sabe sobre ela, do quanto se importa com o que se está vendo. Debateu-se a paisagem como representação dos objetos circundantes, resultado de sucessivas alterações, imbuídos de sentimentos e significados. A parte física do espaço ganha vida, refletindo as ações dos indivíduos sobre este.

Sugeriu-se, para os alunos que, na construção de suas leituras sobre determinadas paisagens, sejam formuladas questões acerca do que está sendo visualizado, como: “o que aconteceu para que essa paisagem chegasse a este estado? Quais as funções e serviços

oferecidos? Quem ocupa esse espaço? O que pode ser feito para melhorar? De quem é a culpa ou o mérito por esse resultado?” E outras.

Lugar:

Nas discussões acerca do lugar, a partir da concepção dos alunos e do conceito científico, os mesmos se sentiram à vontade para se expressarem. Descreveram cada detalhe de seus lugares. Empiricamente, tal subespaço já está imbuído no íntimo dos indivíduos, no entanto, banalizado, sem muita atenção. “O lugar se refere de forma indissociável ao vivido, ao plano do imediato. E é o que pode ser apropriado pelo corpo (...)” (CARLOS, 2007, p.19). Às vezes, por sua subjetividade, é ignorado no meio científico. Veja-se o que alguns alunos dissertaram quando questionados sobre sua percepção de lugar:

Aluno A,

É o espaço onde vivi durante toda minha vida, encontra-se no centro desta cidade, Campina Grande, mais precisamente na feira central, formado por feirantes, ambulantes, prédios históricos como o “Eldorado”, antigo cassino. (grifo do autor*).

Aluno B,

É o espaço onde moro, é lazer e cultura, amo meu espaço um bairro carente com muitas histórias vividas, tenho muitos anos de vida ali naquele espaço, gosto muito das pessoas que lá habitam. Gosto dos meus amigos que cresceram ali do meu lado e assim é meu espaço vivido.

Aluno C,

É na fazenda que pertence ao patrão dos meus pais, onde me criei (...) é um ambiente muito seguro e agente se sente bem e conheço todo mundo. Hoje, moro em Campina Grande trabalho numa casa de família, eu me sentia melhor morando com eles, os pais, mas tenho que trabalhar para ajudar minha família. Lá na fazenda tem uma paisagem linda com bastantes frutas, pés de goiaba, banana, coco, manga. Ao redor da minha casa tem um açude, flores e animais.

Entender o lugar é entender a si próprio, visto que espaço e ser humano formam uma unidade. Fundamentados no conceito de “lugar” proposto por Tuan (1983), pôde-se facilmente constatar relações socioespaciais de identificação do aluno com as paisagens por eles citadas, com a descrição dos seus lugares. ““Espaço” é mais abstrato do que “lugar”. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (TUAN, 1983, p. 6).

A configuração de espaço enquanto lugar está ligado diretamente às relações de intimidade entre ser humano e paisagem, a sensação de pertencimento. “O lugar (...) (é) o ponto de práticas sociais específicas que nos moldam e nos formam e com as quais nossas

identidades estão estreitamente ligadas” (HALL, 2006, p.72), conforme ficou explícito nas produções textuais dos alunos. Esta identificação do indivíduo com o espaço vivido propõe o desenvolvimento da cultura local, visto que em cada lugar as expressões culturais são reflexos das relações socioespaciais existentes.

A relação com esse espaço de acontecimentos pelos indivíduos nele inseridos resulta na propagação e valorização das raízes culturais. Desse modo, inseriram-se nas discussões os conteúdos acerca da cultura e diversidade cultural brasileira.

4.3. Avaliação

No final de cada aula sempre foram desenvolvidas atividades, escritas ou discursivas, como forma de avaliação, tanto quanto ao avanço intelectual dos alunos, como dos métodos utilizados na regência.

Foram aplicadas provas, exigência da coordenação da escola, mas seguindo a linha de pensamento de Vasconcellos (2003), tentou-se minimizar as tensões que esse momento provoca, a partir do esclarecimento dos conteúdos e pesos atribuídos às questões. Não foi imputado à prova da unidade, procedimento usual na escola, o peso máximo e sim um complemento a ser agregado às demais avaliações resultantes de atividades, como produções textuais, interpretações de músicas e expressões orais, voluntárias e/ou sob provocações.

Pode-se dizer que se conseguiu avaliar os alunos continuamente, além da evolução na aprendizagem acerca dos conteúdos, houve uma referência para a atribuição de notas. Foram avaliados vários aspectos como comportamento, participação, assiduidade e compromisso. Esses serviram como parâmetro para avaliação de como estavam sendo as aulas, se atrativas, se os métodos utilizados surtiram efeitos para o suporte e acompanhamento quanto ao aprendizado dos alunos individualmente e para a elaboração dos planos de aulas subsequentes.

Para fechamento da unidade temática foi aplicada uma prova, na qual uma questão que faz referência às categorias de análise geográficas propõe que o aluno faça uma relação entre colunas. Na coluna I, estão os fragmentos poéticos enumerados de 1-4; e na coluna II, elencadas as categorias: território, região, paisagem e lugar, respectivamente acompanhados de espaço vazio entre parênteses, destinados à atribuição do número correspondente ao da primeira coluna. As respostas dos alunos representaram um avanço quanto à aproximação destes aos conceitos das categorias de análise geográficas. Dos 12 (doze) alunos que fizeram a prova apenas 02 (dois) interpretaram os poemas confundindo o conceito de lugar com o de região, os demais obtiveram 100% de aproveitamento nessa questão.

O fragmento poético que representou o lugar é também uma descrição da paisagem e faz alusão ao processo migratório brasileiro. Veja-se:

Música Alô Palmeira dos Índios

Composição: Durval Vieira e Joci Batista

Interprete: Jackson do Pandeiro

*Não me esqueço dos
Meus amigos
Nem dos forrós que dancei
Não me esqueço
A minha mata
Aquele que lá deixei
A mata me dá saudade
Brevemente voltarei
Pra rever minha cidade
Onde eu nasci e me criei.*

Essa relação entre os conceitos científicos das categorias de análise geográficas, os conteúdos programáticos e os acontecimentos comuns ao convívio dos alunos facilitam a compreensão e a construção de conceitos geográficos, resultando numa elevação do nível intelectual da turma.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Estágios Supervisionados são componentes curriculares dos mais importantes para os cursos de licenciaturas, visto que se constitui no momento de aproximação com o espaço escolar, oportunidade de explorar este espaço com o olhar da pesquisa, de teorizar a prática, observar o campo de atuação, fazendo leituras para possíveis intervenções em prol da construção do conhecimento.

Mesmo se tratando de um curto período de tempo na escola, o estágio pode ser muito bem aproveitado, desde que haja empenho e compromisso dos envolvidos nesse processo. Este deve ser encarado como laboratório. Se não existe fórmula pronta para dar uma boa aula, existem aulas para se propor novas fórmulas.

A escola enquanto produto das relações socioculturais ideológicas não pode ser estudada isoladamente de sua estrutura formadora, isto é, do modo de produção dominante, que a contém como instância e da qual ela é contida, uma vez que o processo educacional, de certa forma, reproduz por intermédio dessas práticas pedagógicas educacionais implicitamente intenções arraigadas, toda uma estrutura de classes sociais e de controle.

Verifica-se que houve mudanças no discurso teórico-acadêmico e no currículo escolar, mas os métodos didático-pedagógicos aplicados não mudaram muito, há sim a reprodução de um modelo primitivo de ensino, no entanto, pensa-se que as mudanças não serão revolucionárias e sim gradativas. É um grande passo rumo à melhor qualidade no ensino de Geografia, mesmo sabendo que os problemas da educação no Brasil vão além da formação, interesse e valorização dos profissionais da área, é os docentes deixarem que as propostas dos PCNs ocupem lugar de destaque nos respectivos cotidiano profissional, enquanto ferramenta de pesquisa e orientação para prática do ensino.

Na prática, verificou-se que é possível desenvolver, mesmo sem recursos sofisticados, um elo entre os conteúdos propostos, os conceitos das categorias de análise geográficas e os conceitos pré-definidos empiricamente pelos alunos, elevando o seu nível do conhecimento, saindo da mera percepção do cotidiano ao melhor elaborado e sistematizado conhecimento científico.

Para tanto, os profissionais do magistério em Geografia tem o dever de não ser omissos, deixando os conteúdos ser abordados de forma banal, sem explorar o cunho geográfico. As teorias de ensino de Geografia, por sua vez, vêm ganhando espaço nas publicações e discussões acadêmicas e o dever do professor, por estar mais próximo do aluno, é acreditar nas possibilidades de mudanças; investir num ensino capaz de ser uma ferramenta libertadora e formadora de indivíduos que se reconheçam como parte integrante do todo, que tenham o senso crítico aguçado, cidadãos conscientes de suas responsabilidades, cumprindo seus deveres e reivindicando seus direitos, pré-requisitos básicos para o exercício da cidadania.

Não se confundam professores com salvadores da pátria, não se trata que em todos os dias, o ano inteiro, os professores tenham que tirar coelhos das cartolas. Deve-se sim ter potencial para surpreender, o que não os coloca no patamar de super heróis que podem tudo, em consonância com “algumas teorias pedagógicas, chamadas delicadamente por vários educadores de otimistas, que destinam ao trabalho do professor uma tarefa de agente transformador da sociedade numa versão salvacionista, como se ele fosse até onipotente.” (KIMURA, 2008, p. 55). O que se propõe são mudanças no comportamento profissional, que se desprenda da vaidade do saber tudo; das aulas de outrem; que o livro didático não se transforme num método de aulas monótonas ao invés de um recurso, mesmo que seja o único disponível.

Também não se deve perder de vista as responsabilidades do Estado de investir em qualificação e remuneração desses profissionais; infraestrutura do espaço escolar, recursos didáticos e outros para a promoção da construção do conhecimento.

Quanto à inserção conceitual das categorias geográficas, não se pode afirmar que essa intervenção, resultante nesse artigo, tenha sido suficiente para que os alunos detenham o domínio sobre tais conceitos, visto que até mesmo alguns alunos de nível superior em Geografia têm essa dificuldade já decorrente de toda uma construção histórica do conhecimento escolar. Mas, certamente, não serão mais temáticas estranhas, o que facilitará o entendimento nas futuras aulas. Houve um significativo crescimento intelectual por parte da turma acerca dos conceitos trabalhados, categorias de análises geográficas, passaram a associar suas percepções, adquiridas cotidianamente no espaço de vivência, com os conceitos geográficos apresentados, compreendendo assim suas participações na construção e reconstrução espacial.

A significância e proximidade dos conteúdos, discutidos em sala de aula, com a dinâmica diária dos alunos foram os grandes elos para a relação professor (estagiário) e alunado rumo à construção do conhecimento. A sala de aula, como um espaço de debate, onde todos possam espontaneamente se expressar sem temer represaria ou ter seus comentários ignorados, prática primitiva que deve ser abolida.

Um dos grandes desafios da escola é atrair e manter os alunos no espaço escolar, com ensino de qualidade. O espaço escolar precisa ser atraente, os conteúdos ensinados precisam ter significância, ter relação com a realidade do alunado. Há necessidade da escola se tornar um lugar, espaço imbuído de identidades territoriais e sentimentos de pertença, e a sala de aula palco da construção do conhecimento. O aluno precisa se sentir em casa, à vontade. É nos lugares onde as pessoas se enxergam como humanos, que são vistos e compreendidos; onde espaço e indivíduos se misturam, tornando-se uno e dinâmico.

Estar onde se gosta é, certamente, prazeroso e se esse espaço for à escola, a formação dos indivíduos será mais consistente e significativa. Para tanto, o aluno precisa ser visto e compreendido como agente principal na construção do conhecimento, que seus conhecimentos prévios, adquiridos empiricamente no cotidiano, venham a ser o ponto de partida na produção de um novo conhecimento. É claro intermediado, incentivado, questionado e orientado pelo professor, no intuito de juntos colherem resultados que os elevem a novos e mais elaborados conhecimentos.

ABSTRACT

Geography, for various reasons, have difficulty in spreading within school theories and discussions produced in the academic space. Given this context, this paper presents the results of executing a didactic-pedagogical intervention project in the classroom, developed in 2011, during the stage of the course courses degree in geography at the State University of Paraíba (UEPB). Field of study the class of 8th grade of elementary school, EJA, mode of a school in the State schools, Campina Grande-Paraiba. Objective report and analyze the experience of internship. For both if sought to draw brief profile of the school, the class and the teacher Regent; Didactic-pedagógicamente, intervene in the classroom, in order to enable the harmonization of the main categories of geographical analysis to spatial content; Analyze the dynamics of classes and materials produced by students during the intervention. As regards the methodological procedures, there was initially a brief history of geography as a science and school discipline, stressing its importance and usage of categories of geographical analysis in educational process of school Geography. From the perspective of Humanistic Geography, excelled himself by the phenomenological hermeneutic analysis method, passing by other methods and different theoretical concepts. On practical experience, the relationship between the concepts of main categories of geographical analysis (space, territory, Region, landscape and place) with the content shown by Textbook came from the empirical concepts of students, as a result of experience gained in space lived. Main result obtained is reported in the awakening of the perception of the individual from the school environment, identity and belonging, involvement with geography taught and lived in the context of relations with its with its living space.

Keywords: teaching geography. Supervised Internship. Space lived.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, M. A. M. de. Século de prática de ensino de Geografia: permanências e mudanças. In: REGO, N.; CASTROGIOVANNI, A. C.; KAERCHER, N. A. (orgs.) **Geografia: práticas para o ensino médio: volume 2**. Porto Alegre: Penso, 2011. p. 13 – 32.
- ALMEIDA, R. D. A propósito da questão teórico-metodológica sobre o ensino de geografia. **Revista Terra Livre**. n°8. São Paulo: AGB, 1990/1992. p.83-90.
- ANDRADE, M. C de. A Questão do Território. In: _____. **A questão do território no Brasil**. 2 ed. São Paulo: HUCITEC, 2004. p. 13-19.
- BRABANT, J. Crise da geografia, crise da escola. In: OLIVEIRA, A. U. (org.). **Para onde vai o ensino de geografia?** São Paulo: Contexto, 1989.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Geografia. Brasília: MEC/SEF, 2001.
- BOCK, A.; FURTADO, O.; TEXEIRA, M. A. Psicologia da Aprendizagem. In: _____. **PSICOLOGIAS: uma introdução ao estudo de psicologia**. 3ed. São Paulo: Saraiva, 2002. p. 114-129.
- CALLAI, H. C. A Geografia e a escola: muda a Geografia? Muda o ensino? **Revista Terra Livre**. São Paulo, 2001. p. 134-151.
- CARLOS, A. F. A. Definir o Lugar? In: _____. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Labur, 2007. p.16-20.

CASSAB, C. Reflexões sobre o Ensino de Geografia. **Revista Santa Maria**. Geografia: ensino e pesquisa. V.13 n.1, p.43-50, 2009.

CAVALCANTI, L. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 17 ed. Campinas-SP: Papirus, 1998.

CORRÊA, R. L. Região: um conceito complexo. In: _____. **Região e organização espacial**. 2ed. São Paulo: Ática, 1987. p. 22-50.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2006.

KAERCHIER, N. A. A Geografia Escolar: gigante de pés de barro comendo pastel de vento num fast food? **Revista Terra Livre**, n. 28, v. 1, 2007, p.27-44.

KIMURA, S. Faze-pensar: fonte do ensinar-aprender. In: _____. **Geografia do ensino básico: questões e propostas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 44-67.

PAGANELLI, T. L. Reflexões sobre categorias, conceitos e conteúdos geográficos: seleção e organização. In: PONTUSCHKA, N. N.; OLIVEIRA A. U. (Org.). **Geografia em perspectiva**. 2ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 267-272.

PONTUSCHKA, N. P.; PAGANELLI, T. L. e CACETE, N. C. A Geografia como ciência e disciplina escolar. In: _____. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2009. p. 35-104.

_____. O ensino-aprendizagem da Geografia e as práticas disciplinares, interdisciplinares e transversais. In: PONTUSCHKA, N. P.; PAGANELLI, T. L. e CACETE, N. C. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2009. p. 105-169.

SAIKI, K; GODOI, F. A prática de ensino e o estágio supervisionado. In: MALYSZ, S. T.; PASSINI, E. Y.; PASSINI, R. (Org.). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 26-31.

SANTOS, M. A geografia e o futuro do homem. In: _____. **Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. 6ed. São Paulo: Edusp, 2008. p. 261-267.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988. (versão digitalizada). Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/6945561/Metamorfose-Do-Espaco-Habitado-Milton-Santos>.

SATO, E.; FORNEL, S. Conhecimento do espaço escolar. In: MALYSZ, S. T.; PASSINI, E. Y.; PASSINI, R. (Org.). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. 2ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 52-57.

SOARES, L. J. G. As políticas de EJA e as necessidades de aprendizagem dos jovens e adultos. In: RIBEIRO, V. M. (Org.). **Educação de jovens e adultos: novos leitores, novas leituras**. Campinas, SP: Ação Educativa, 2001. p. 201-224.

TUAN, Y. F. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

VASCONCELLOS, C. Conteúdo e forma da avaliação. In:_____. **Avaliação da Aprendizagem:** práticas e mudanças - por uma práxis transformadora. 5 ed. São Paulo: Libertad, 2003. p. 91-132. (Coleção Cadernos Pedagógicos do Libertad, v.6).